

SOMBRAS

MARIA DO CARMO DA
FONSECA BRANDÃO

Irrefletidamente
o irrefletido
no espelho
partido
de névoa
espalhada
pelo perdido
do nada
que escurece
a escuridão
sinistra
arisca
revista
na revisão
detalhada
da sobra
entumecida
do bolor
desmaiado
que já não tem cheiro
porque virou pó
E só flutua
como ventos distintos
que não se encontram
nunca
e que se encontram
é para um breve
aceno

sem lógica
porque os caminhos
são outros
Onde há neve há
o gelo
frio
Onde há calor não há
frio
É preferível a sede
mil vezes
que o não ter
líquido
para se beber
E eu já estou ficando
tonta
tantas coisas
vejo
aqui fora
E já penso numa loucura
dessas
bem loucas
mais loucas
que atos
de
estrangulamento
ou
seviciamento
ou
asfixiamento
ou
tudo
que cheire
à
ignorância
deslealdade
maldade
irreverência
E já não sou mais
que um cupim
tão grande
é minha imagem no espelho
tão pequena
é minha capacidade
de cupim

que rói e
rói
e
corrói
e
destrói
e não conhece nada
que seja
humano
E o espelho fixa
de nóvo
a minha
pequenez
que não é mais
irrefletida
mas ôca
pouca
anã
leviana
de Satã